

Entrevista

Avaliação discursiva centrada em valores: Fundamentos, aplicações e contribuições

Value-centered discursive assessment: Foundations, applications, and contributions

Marcia Malaquias Braz^{1*} , Marcos Arcanjo de Assis² 

¹Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

²Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, MG, Brasil

COMO CITAR: Braz MM, & Assis MA (2025). Avaliação discursiva centrada em valores: Fundamentos, aplicações e contribuições. Revista Brasileira de Avaliação, 14(1), e140324. <https://doi.org/10.4322/rbaval.202500102025>

Marcia Malaquias Braz, negra, técnica em assuntos educacionais na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Marcos Arcanjo de Assis, branco, professor na Fundação João Pinheiro.

Resumo

Rosana Boullosa, professora associada da Universidade de Brasília (UnB) e pesquisadora sênior do CNPq, é uma referência em estudos críticos de políticas públicas, com enfoque decolonial, feminista e de gestão social. Na entrevista, ela apresenta seu Modelo de Avaliação Discursivo-Valorativo (AV-VA), uma abordagem que considera os valores, o discurso e a subjetividade como centrais para avaliação de políticas públicas. O modelo desafia perspectivas tradicionais, destacando como os valores transitam nas interpretações sobre os problemas públicos e suas soluções e nas decisões e conflitos políticos. Ela destaca como sua trajetória acadêmica e profissional a levou a compreender a avaliação como um campo, os fundamentos da epistemologia axiológica e do modelo AV-VA, as recentes aplicações em pesquisas avaliativas e as potenciais contribuições da abordagem para prática avaliativa. Mais do que um modelo, o AV-VA é um convite a repensar a avaliação como espaço de disputa e transformação.

Palavras-chave: Avaliação. Axiologia. Valores. Discurso.

Abstract

Rosana Boullosa, an associate professor at the University of Brasília (UnB) and a CNPq senior researcher, is a leading figure in critical public policy studies, with a decolonial, feminist, and social management focus. In this interview, she introduces her Discursive-Evaluative Model (AV-VA), an approach that centers values, discourse, and subjectivity in the evaluation of public policies. The model challenges traditional perspectives by highlighting how values permeate interpretations of public problems and their solutions, as well as political decisions and conflicts. She underscores how her academic and professional journey led her to understand evaluation as a field, the foundations of axiological epistemology and the AV-VA model, recent applications in evaluative research, and the approach's potential contributions to evaluative practice. More than just a model, AV-VA is an invitation to rethink evaluation as a space for contestation and transformation.

Keywords: Evaluation. Axiology. Values. Discourse.

A RBAVAL apoia os esforços relativos à visibilidade dos autores negros na produção científica. Assim, nossas publicações solicitam a autodeclaração de cor/etnia dos autores dos textos para tornar visível tal informação nos artigos.

Recebido: Julho 27, 2025

Aceito: Agosto 12, 2025

***Autor correspondente:**

Marcia Malaquias Braz

E-mail: marciamalaquiasbraz@gmail.com



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.



Marcos Assis e Marcia Braz: Professora Rosana, gostaríamos de que nos contasse brevemente sobre sua trajetória acadêmica e, especialmente, como surgiu seu interesse pelo tema da avaliação centrada em valores.

Professora Rosana Boullosa: Agradeço imensamente esta oportunidade de falar sobre a avaliação e sobre o modelo AV-VA (Avaliação discursiva centrada em valores). É interessante essa pergunta, porque me faz lembrar um pouco o início, e talvez eu possa dividir essa trajetória em duas ou três partes.

Tudo começou na disciplina de avaliação do meu mestrado na Università IUAV di Venezia, na Itália. Tínhamos uma expectativa grande com o professor, que era tido como muito difícil. No primeiro dia de aula, ele nos surpreendeu. Após um efusivo “Buongiorno!”, ele pediu: “Anotem aí: quero que vocês façam uma lista de 50 modelos de avaliação, descrevendo-os com três ou quatro linhas. Depois, escolham dez para descrever com dez linhas, e, por fim, três ou quatro para descrever com cinquenta linhas. Nos vemos daqui um mês!” Ficamos em choque, sem saber se era brincadeira. Mas não era! Comecei a pesquisar e, de fato, consegui listar os 50 modelos sem grandes dificuldades. Esse trabalho me impressionou, e percebi que a avaliação era, de fato, um campo vasto. Entendi que, muitas vezes, as pessoas faziam pequenas mudanças em “receitas de bolo” e lhes davam novos nomes, sem que isso necessariamente gerasse um impacto substancial. Essa experiência inicial foi fundamental para me mostrar a amplitude e, ao mesmo tempo, a superficialidade de certas classificações. Nesse mesmo mestrado, tive a oportunidade de fazer avaliação em contextos de cooperação internacional, na Mauritânia (África) e na Croácia (Balcãs). Vi a avaliação em campo, mas, ao concluir o mestrado em economia urbana e cooperação internacional, pensei: “Caramba, nunca mais avaliação!” Não me sentia confortável com o que percebia como uma abordagem funcionalista e eticamente complicada, de aplicar ferramentas e olhar um objeto de forma predeterminada. Não me dava conforto epistemológico. Decidi, então que não era para mim.

A segunda parte se inicia no meu doutorado em Políticas Públicas, com o professor Pierluigi Crosta, que foi fantástico. Ali, a avaliação não era o foco; os estudos eram críticos, com forte influência pragmatista. No entanto, mesmo assim, trabalhos de avaliação passavam pelas minhas mãos, e eu já os via sob uma perspectiva crítica. Ao retornar ao Brasil e começar a lecionar na Universidade Federal da Bahia – que considero minha casa de início e de referência –, entrei em um curso novo de Gestão Social. Ali, algo me intrigou: “Caramba, isso aqui parece um campo novo, algo crescendo.” Comecei a perceber que meu interesse em ver as coisas como campo estava, de alguma forma, conectado àquela primeira experiência com a avaliação, mas eu nunca tinha feito essa síntese na minha cabeça. Foi como se aquele primeiro trabalho de listar modelos tivesse me dado uma noção embrionária de estudo de configuração de campo. Comecei a escrever sobre gestão social como um campo, e um dos artigos que escrevi com Paula Schumann, em 2008, tornou-se um dos mais citados na área. Foi então que a disciplina de avaliação daquele curso caiu nas minhas mãos. Pensei: “Caramba, eu faria isso com os meus alunos, pedir 50 tipos de avaliações?” A resposta foi um “não”, mas decidi fazer um exercício pessoal de tentar entender a avaliação como um campo, da mesma forma que estava fazendo com a gestão social. Dentro da gestão social, a avaliação focava muito em projetos sociais. Escrevi um livro¹ sobre isso, e nos primeiros capítulos, eu já tentava explicar a avaliação como campo. Para isso, comecei a buscar autores que tentavam classificar a avaliação, entendê-la como um campo de estudos e práticas. No entanto, a leitura dessas classificações me deixava muito insatisfeita. As divisões por metodologias ou por uso não me pareciam suficientes; sempre sentia que faltava uma “caixinha” para algo importante.

Esse é o terceiro momento, quando decidi, de fato, criar minhas próprias caixinhas, ou seja, interpretar a configuração do campo da avaliação à minha maneira. Senti-me mais autora, já puxando a avaliação para a área de Políticas Públicas. Eu questionava a divisão estrita entre avaliação de problemas e avaliação de políticas, sentindo que elas não podiam ser totalmente separadas. Minha perspectiva crítica me levou a buscar uma dimensão crítica na avaliação. Comecei a entender como a avaliação poderia ser feita a partir de um marcador epistêmico,

¹ BOULLLOSA, Rosana; ARAÚJO, Edgilson Tavares. **Avaliação e monitoramento de projetos sociais**. Edição digital. Curitiba: Editora IESDE Brasil S.A, 2009.



que fazia sentido para mim. E, naturalmente, ao interpretar a divisão do campo, meu próprio trabalho foi se encaixando em uma dessas “caixinhas”: a axiológica. Essa caixinha reunia todas as avaliações que traziam os valores para a centralidade, para o coração dos seus processos avaliativos. Assim, meu interesse pelo campo da avaliação se consolidou. Ele está sempre conectado ao campo mais amplo das políticas públicas, mas é um olhar duplo: o cuidado de entender a configuração do campo da avaliação e interpretá-la a partir de um marcador que me é caro – a episteme –, e ao mesmo tempo, produzir um caminho avaliativo que seja autoral. É assim que eu me coloco hoje no campo.

Marcos Assis e Marcia Braz: Sua trajetória nos mostra um percurso fascinante de constante reflexão e posicionamento no campo da avaliação, culminando no desenvolvimento de um modelo avaliativo discursivo e centrado em valores. Nesse contexto de sua profunda experiência e sua visão autoral, quais as principais lacunas ou necessidades atuais do campo da avaliação de políticas públicas, especialmente considerando a perspectiva de um modelo avaliativo focado em valores?

Professora Rosana Boullosa: É uma excelente pergunta, que me permite conectar minha jornada pessoal à construção desse modelo. Comecei a me ver como uma autora de caminhos avaliativos, inserida naquilo que prefiro chamar de macroescola da epistemologia axiológica. Essa percepção me impulsionou a formalizar meu pensamento sobre avaliação. Na universidade, orientando TCCs, dissertações e teses, percebia a alegria dos alunos em desenvolver trabalhos sob uma perspectiva axiológica, mesmo antes de o modelo ter o nome AV-VA. Contudo, foi no meu trabalho na Escola Nacional de Administração Pública (ENAP), com gestores e gestoras que atuam diretamente nos ministérios, que surgiu a grande provocação. Ao interagir com esse público da “esplanada”, eu frequentemente ouvia: “Professora, gosto muito do seu pensamento em avaliação, acho incrível, mas sou um mero gestor, uma mera gestora. Como eu uso isso no meu trabalho? Não tem, por acaso, uma receitinha?” Minha resposta inicial era categórica: “Não, não tem receita!” Isso me levou a escrever junto com outros colegas o “antimanual”, justamente para desmistificar essa ideia. Mas essa provocação me fez refletir profundamente. Pensei: mais do que uma abordagem, eu poderia me desafiar a transformar isso em um modelo que tivesse a natureza de um metamodelo. “Por que metamodelo?”, pensei. Porque ele não seria uma metodologia rígida, mas um arcabouço a partir do qual cada um poderia criar seu próprio caminho avaliativo, com a preocupação central de forçar a entrada de valores. Essa motivação para o AV-VA (Modelo de Avaliação Discursiva Centrada em Valores) nasceu, portanto, como uma resposta a essa demanda por um pré-percurso ou meta-percurso para quem não é especialista em avaliação, para quem não tem o tempo de um mestrado ou doutorado, mas precisa lidar com a avaliação no dia a dia. Duas conversas foram cruciais para me dar força nessa direção. A primeira, com meu filho Pietro, que me questionou: “Você está abrindo mão da disputa?” E a segunda, com meu amigo Frank Fischer, que frequentemente ressaltava a necessidade de “disputar o espaço dos instrumentos”, pois gestores, sob pressão, acabam recorrendo a avaliações mais tradicionais como custo-benefício ou resultados, mesmo que apreciem abordagens mais amplas. Mas acho que a principal lacuna que o AV-VA busca atender no campo da avaliação de políticas públicas é a centralidade de valores. É a necessidade de inserir valores na discussão de modo científico dentro do processo de avaliação. Buscamos demonstrar que um gestor pode trazer os valores para o centro do debate, e isso ainda se mantém como ciência. Isso exige a reconstrução do percurso científico da construção de valores nas avaliações.

Marcos Assis e Marcia Braz: É fascinante como você conecta essa trajetória à busca pela centralidade de valores e discurso. Poderia aprofundar um pouco mais a importância desses dois elementos e sua concepção para o campo da avaliação?

Professora Rosana Boullosa: Sim, claro. Acho que, antes de tudo, precisamos prestar um tributo à ideia de subjetividade no processo avaliativo. O campo é dominado pela ideia de que a avaliação, para ser científica, deve ser neutra e objetiva, uma “verdade” que só se sustenta dentro de uma epistemologia positivista. No entanto, há uma outra tradição no fazer ciência – pós-positivista ou construtivista – que reconhece a indissociabilidade entre fatos e valores, e entre sujeito e objeto. Para essa perspectiva, não há neutralidade na ciência, e a subjetividade é parte constituinte do fazer científico, inclusive na avaliação de políticas



públicas. Eu me dedico a resgatar autores que admitem a subjetividade como elemento fundamental nas avaliações. Desde [Michael] Scriven, que define avaliar como “determinar o valor, o mérito de uma entidade” – e a “entidade” já carrega subjetividade, pois avaliamos a *representação* da coisa, não a coisa em si. Carol Weiss, em 1991, já afirmava que o verdadeiro ato de avaliar tem conotações políticas, admitindo essa dimensão subjetiva. Ela é crucial porque é nela que percebemos os valores. Autores como [Lee] Cronbach falam da formação de comunidades de políticas públicas onde os valores circulam e se mobilizam. Yvonna Lincoln e Egon Guba reforçam a inexistência da neutralidade avaliativa e, pela primeira vez, apontam que as avaliações devem ter seus próprios valores. Ernest House, em 1991 e 1993, concorda e sugere que esses valores deveriam incluir a justiça social e a voz a grupos marginalizados. A ideia de disputa e subjetividade trazem consigo, portanto, a ideia de valores.

Essa massa crítica permitiu, 25 anos depois, que afirmássemos que os valores conformam uma macroescola. A indissociabilidade entre fato e valor é central. Um autor que aprecio muito, Robert Stake, com seus coautores, defende que não há como dissociar nossa experiência do processo avaliativo, trazendo não só subjetividade e valores, mas uma dimensão de reflexividade. Em 2004, ele propõe a avaliação responsiva, afirmando que não existe uma representação única de valor. Essa constatação de Stake foi fundamental para mim. Comecei a perceber que a discussão sobre valores, e sua eventual transformação no processo avaliativo, se dá por uma linha de discursividade. A discursividade assumida metodologicamente faz com que os valores não apenas circulem, mas transitem. Inspirada em John Dewey e sua ideia de “transação” (uma ação em que mudanças, intercâmbios, trocas e cocriações são possíveis), eu concebo que os valores transitam. Não é apenas uma circulação passiva, mas um movimento dinâmico onde eles podem ser transformados. É nessa transformação de valores que produzimos o argumento avaliativo. Para mim, os achados de uma avaliação não são apenas um relatório ou “resultados”; eles são argumentos de natureza avaliativa, um conceito que dialoga com Frank Fischer. Ver o que produzimos como um argumento avaliativo nos permite entender políticas públicas como um fluxo multiatorial, onde a equipe de avaliação atua como um desses multiatores, produzindo um argumento que se realiza em arenas de políticas públicas específicas. É nesse contexto que chamo meu modelo de Avaliação Discursiva Valorativa (AV-VA). Discursivo, porque produz discursividade e porque a natureza do processo avaliativo é discursiva. Valorativa, porque seu objetivo é facilitar o trânsito de valores. Para isso, trabalhamos com a multiatorialidade e a ideia de que a equipe de avaliação facilita a transação valorativa, permitindo a construção multiatorial desse argumento avaliativo.

Marcos Assis e Marcia Braz: O Modelo AV-VA se alinha à epistemologia axiológica. Poderia explicar o que isso significa e como essa perspectiva influencia a abordagem avaliativa que a senhora propõe?

Professora Rosana Boullosa: Sim, claro. A epistemologia axiológica, à qual o AV-VA se alinha, surge gradualmente, com diferentes variações e interpretações da noção de valores, mas todas convergindo para um ponto central: trazer os valores para o cerne do processo avaliativo. Autores que citei anteriormente – como Weiss, Cronbach, Guba e Lincoln, House, Stake, Fischer, e aqui no Brasil, [Breyner] Oliveira e [Alcides] Gussi, Edgilson Tavares, e o próprio “Antimanual” – todos, cada um a seu modo, contribuem para essa construção. Eles apontam para uma singularidade que a epistemologia axiológica assume. O que singulariza a epistemologia axiológica, para além da centralidade dos valores, é a assunção da indissociabilidade entre valor e fato, e entre sujeito e objeto. Ou seja, reconhecemos que não há separação entre quem avalia e o que é avaliado; ambos estão interligados e influenciam o processo.

Outras contribuições fortes dessa perspectiva incluem:

- A Dimensão Normativa da Avaliação: Para nós, a construção dedutiva, que parte de uma base valorativa, é fundamental. Não que não apreciemos a indução, mas a força normativa é essencial para guiar a avaliação por princípios.
- Valores como Marcadores Identitários: Entendemos que os valores não são abstratos; eles são marcadores identitários de grupos sociais envolvidos nos processos avaliativos. As pessoas e os grupos se reconhecem e se expressam por meio de seus valores.



- **Objetos Avaliados Não São Neutros:** Um programa, uma política ou uma ação que avaliamos não é um objeto neutro. Cada um deles é uma hipótese de futuro, uma proposta de transformação social. Pensemos no Bolsa Família: ele diz muito sobre a sociedade, o Estado, a pobreza. Entender que os próprios objetos são argumentos em disputa é algo que singulariza as avaliações dentro da macroescola axiológica.
- **Desnaturalização de Técnicas e Indicadores:** Por estarmos inseridos nos estudos críticos, não naturalizamos nada. Desnaturalizamos a suposta neutralidade das técnicas, dos critérios e dos processos avaliativos. Por exemplo, indicadores – que são dados aos quais atribuímos artificialmente a qualidade de indicar algo – também não são neutros. É possível avaliar com cem indicadores ou com apenas um. Para a epistemologia axiológica, os valores estão presentes em todo o processo de avaliação, desde a sua concepção até a elaboração do argumento avaliativo final.

Em síntese, o alinhamento do AV-VA à epistemologia axiológica significa que a avaliação é vista como um processo inerentemente subjetivo, valorativo e engajado, que reconhece a influência de quem avalia e os valores implícitos nos próprios objetos de avaliação, buscando, assim, construir argumentos avaliativos mais robustos e contextualizados.

Marcos Assis e Marcia Braz: O Modelo AV-VA se apresenta como uma abordagem inovadora. Como ele se relaciona com as discussões contemporâneas sobre avaliação de políticas públicas, com a importância da participação social e quais as considerações dessas diferentes perspectivas?

Professora Rosana Boullosa: Essa é uma excelente pergunta, e talvez eu possa até expandir para além do campo da avaliação, pensando em como o AV-VA se relaciona com o campo das políticas públicas em geral. Este é um campo de intensa disputa, inserido em um contexto de sociedade dividida, “dicotomizada” – que alguns autores e autoras chegam a situar na era da pós-verdade. Isso é fundamental para entender a relevância do nosso modelo. A primeira premissa do Modelo AV-VA é lembrar que todo e qualquer objeto de avaliação carrega consigo valores. Esses valores estão imbricados na forma como o objeto interpreta a realidade social e nas direções que ele busca implementar. Um programa ou uma política pública não é neutro; ele já é um argumento sobre a sociedade e sobre o futuro que se deseja. Nenhuma política pública é criada para que as coisas permaneçam como estão. Todas visam a promover mudanças. Assim, elas possuem uma dimensão argumentativa e são hipóteses sobre a realidade, intrinsecamente carregadas de valores. Além disso, quando avaliamos, quer queiramos ou não, acabamos nos posicionando em relação ao objeto. Mesmo as escolhas metodológicas, ou a definição do propósito da avaliação, são carregadas de valores. Por que avaliar a transposição do Rio São Francisco e com que metodologia? Essas escolhas, mesmo que não haja uma reflexão epistemológica explícita, revelam um alinhamento valorativo.

Estamos vivendo um mundo de crise democrática e de crise de valores. Não podemos simplesmente ignorar a questão dos valores. É imperativo trazê-la para o centro do debate. Nesse sentido, o Modelo AV-VA se relaciona de forma muito franca com nosso momento histórico. Ele afirma que os valores existem, que é crucial que falemos sobre eles, que discordemos e, sobretudo, que os transitemos. O modelo é um chamamento a um diálogo cívico, a um diálogo público, onde as “falas” – muitas vezes carregadas de ódio, repulsa e agressividade no atual cenário midiático – perdem espaço para darem lugar aos argumentos e, conseqüentemente, aos valores. A fala agressiva inibe o discurso construtivo. Quando o modelo avaliativo funciona como um facilitador do trânsito de valores, precisamos sair do campo das “falas” e migrar para os argumentos. Argumentos são inerentemente menos agressivos e permitem que se exponha a lógica subjacente. Questionamos: “Qual é o seu argumento? Você quer dizer que o sujeito é sempre oportunista? Que não há consenso, apenas dissenso? Que a natureza é intocável?” Ao passar para o nível dos argumentos, os ânimos se acalmam, e o diálogo se torna possível. A tentativa do AV-VA é, portanto, levar o debate para um nível mais profundo, do discurso para os argumentos e, se possível, para os valores. Acreditamos que, ao fazer isso, o modelo contribui para a construção de uma sociedade mais dialógica, e não apenas para o campo da avaliação. Para o campo da avaliação, ele preenche uma lacuna para aqueles que buscam uma abordagem mais densa e crítica.



Mas sua ambição maior é interpretar e impactar a própria realidade social, facilitando um debate mais construtivo sobre o futuro que queremos construir.

Marcos Assis e Marcia Braz: Professora Rosana, após sua excelente exposição sobre os fundamentos, a inscrição epistemológica e os elementos-chave do Modelo AV-VA – como valores, discurso e subjetividade –, gostaríamos de transitar para o campo da prática. Poderia nos apresentar exemplos de aplicação do modelo AV-VA (ou de experiências alinhadas à epistemologia axiológica), os principais aprendizados resultantes dessas aplicações e como o modelo tem sido recebido pela comunidade acadêmica e profissional?

Professora Rosana Boullosa: Primeiramente, devo agradecer à ENAP pela oportunidade de desenvolver este desafio: criar o Modelo AV-VA pensando no gestor, na gestora, que busca uma avaliação que traga os valores para o centro do debate, mesmo diante das pressões e prazos da gestão. O livro formaliza o modelo, mas não é apenas um material teórico. Ele já abriu muitas portas para esclarecer dúvidas e realizar apresentações em diversos ministérios, na própria Escola Nacional de Administração Pública (ENAP), na Universidade de Brasília (UnB) e na Fundação João Pinheiro (FJP). Começamos a colher os primeiros frutos dessa difusão. Já temos assistências técnicas em andamento com o tema da avaliação em alguns ministérios, o que é muito animador. Além disso, há trabalhos desenvolvidos na própria ENAP, como a dissertação de mestrado profissional da [Iara Monteiro] Attuch², que utilizou o Modelo AV-VA e, para nossa grande alegria, acabou de ganhar o prêmio de melhor dissertação da ENAP. Isso demonstra que o modelo está não apenas sendo aplicado, mas gerando resultados de excelência. Embora eu não tenha pensado em uma estratégia formal de divulgação até o momento, as oportunidades têm surgido naturalmente. Esta entrevista, por exemplo, é um excelente canal de difusão, e fico muito feliz com isso. Tenho recebido muitos convites para participar de bancas de defesa que aplicam o modelo, tanto em programas tecnológicos quanto em programas acadêmicos. O que tem me deixado particularmente satisfeita é a densidade que o Modelo AV-VA tem conferido às avaliações. Ele oferece um caminho próprio, quase um meta-modelo, que permite a construção de metodologias e escolhas técnicas, instrumentais e de critérios muito mais consistentes. As perguntas avaliativas se tornam mais densas e, o que é crucial, mais confortáveis valorativamente para quem as implementa. Isso é muito interessante, pois a avaliação deixa de ser uma imposição burocrática para se tornar um processo mais alinhado aos valores dos envolvidos. Um ponto que me parece de grande interesse é que, mesmo quando as avaliações que utilizam o Modelo AV-VA não conseguem ativar uma grande multiatorialidade – seja pela limitação de tempo na gestão, seja pela dificuldade de mobilizar muitos atores –, elas ainda assim conseguem, com poucos envolvidos, construir uma base valorativa forte e densa. Isso permite realizar avaliações que não são meramente superficiais ou feitas para “inglês ver”, mas que de fato são utilizadas e geram impacto.

Marcos Assis e Marcia Braz: Para finalizar nossa rica conversa, como você percebe as contribuições desse modelo para fortalecer as práticas avaliativas no Brasil?

Professora Rosana Boullosa: O que eu percebo é que quem se implica nesse modelo consegue fazer uma gestão implicada, valorativamente implicada. Uma gestora, recentemente, me confidenciou que estava desencantada com seu trabalho. Ao iniciar uma avaliação com o Modelo AV-VA, em curso, ela se viu “reapaixonada” pelo que estava fazendo. Ela percebeu que, na rotina tensa e burocrática da gestão, a dimensão valorativa estava “completamente embaixo do tapete”. Essa é uma contribuição vital! Discutimos muito sobre o *ethos* no serviço público, mas essa é uma discussão que, por vezes, parece vaga. Quando falamos em implicação, admitimos que nós, como gestores e avaliadores, temos valores, que os objetos avaliados também os possuem, e que nossa prática é uma transação, um posicionamento dentro desse trânsito de valores. Isso me traz muita alegria. Além disso, o Modelo foi todo traduzido para o inglês. Recentemente, tive a honra de apresentá-lo em um curso na *Summer School* da *International Public Policy Association (IPPA)*, da qual sou vice-presidente, com o professor Frank Fischer. É uma grande satisfação ter a confiança para ocupar esse cargo e poder disseminar o modelo internacionalmente. Estarei em Chiang Mai, na Tailândia, para o próximo IPPA,

² A dissertação de Iara Monteiro Attuch pode ser encontrada em Attuch (2024).



onde também ministrarei esse curso. E, para minha surpresa e alegria, o próprio professor Frank Fischer, que terá um curso à parte na Universidade de Chiang Mai, me convidou para apresentar o Modelo AV-VA como um “exemplo arqueológico” para o seu próprio modelo³. Isso é de uma felicidade incrível, um reconhecimento valioso da contribuição do AV-VA.

Marcos Assis e Marcia Braz: Muitas contribuições, é fato! Professora Rosana, queremos agradecer imensamente pela disponibilidade e disposição em compartilhar com a RBVAL sua notória e brilhante trajetória intelectual, prática e implicada no campo da avaliação e das políticas públicas. Vamos encerrando a entrevista, mas antes gostaria de fazer suas considerações finais?

Professora Rosana Boullosa: Para quem se interessa, estou super à disposição. É fácil me encontrar na Universidade de Brasília, na ENAP ou pela associação IPPA. Meu maior desejo é que cresçam e nasçam outros modelos centrados em valores. Meus queridos colegas, como a professora Carla Bronzo, o professor Edgilson Tavares, o professor Alcides Gussi e o professor Breyner Oliveira, já conhecem e apoiam o modelo, o que reforça que este é um percurso construído coletivamente. Este momento é a finalização de uma revisão de todo o meu percurso em avaliação. Nos últimos anos, dediquei-me a escrever e atualizar tudo o que estava em minha mente, mas ainda não em texto. Pretendo finalizar um texto sobre meta-avaliação – uma área com uma grande lacuna, especialmente sobre como avaliar axiologicamente avaliações. E, para o próximo ano, almejo reunir todo esse material em um livro, entregando-o como um argumento para o fortalecimento do nosso campo de conhecimentos e práticas em avaliação. Muito obrigado a RBAVAL!

Fonte de financiamento

Não há

Conflito de interesse

Não há.

Referências

Attuch, Iara Monteiro. (2024). Avaliação axiológica da política de cadastramento diferenciado do cadastro único: Uma construção em três artigos (Dissertação de mestrado). Escola Nacional de Administração Pública, Brasília. Recuperado em 27 de julho de 2025, de <http://repositorio.enap.gov.br/handle/1/8039>

Leituras sugeridas

Boullosa, Rosana de Freitas, & Araújo, Edgilson Tavares. (2009). *Avaliação e monitoramento de projetos sociais*. Curitiba: IESDE Brasil S.A.

Boullosa, Rosana de Freitas. (2018). Gestão Social e Avaliação. In João Martins de Oliveira Neto & Jeová Torres Silva Junior (Eds.), *Gestão Social* (Vol. 1, pp. 267-288). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/UANE/BID/STDS.

Boullosa, Rosana de Freitas. (2020a). Para onde tem nos levado a pandemia? Entre tantos desamparos públicos, precisamos também falar sobre avaliação em políticas públicas. *Revista NAU Social*, 11(21), 427-442.

Boullosa, Rosana de Freitas. (2020b). Por um olhar epistemológico para a avaliação em políticas públicas: história, teoria e método. *Revista AVAL*, 4(18), 9-37.

Boullosa, Rosana de Freitas, Oliveira, Breyner Ricardo de, Araújo, Edgilson Tavares de, & Gussi, Alcides Fernando. (2021a). Por um antimanual de avaliação de políticas públicas. *Revista Brasileira de Avaliação*, 10(1), e100521. <http://doi.org/10.4322/rbaval202110005>.

Boullosa, Rosana de Freitas, Peres, Janaina Lopes Pereira, & Bessa, Luiz Fernando Macedo. (2021b). Por dentro do campo: Uma narração reflexiva dos estudos críticos em Políticas Públicas. *Revista Organizações & Sociedade*, 29(97), 306-332. <http://doi.org/10.1590/1984-92302021v28n9704en>

³ A International Public Policy Association (IPPA, 2025) realizou A 7ª Conferência Internacional sobre Política Pública (ICPP7) em Chiang Mai, Tailândia, em colaboração com a Escola de Políticas Públicas da Universidade de Chiang Mai, de 2 a 4 de julho de 2025. (<https://www.ippapublicpolicy.org/conference/icpp7-chiang-mai-2025/21>)



- Boullosa, Rosana de Freitas. (2024). *Avaliação discursiva centrada em valores: Modelo AV-VA*. Brasília: Enap.
- Chen, Huey-Tsyh, & Rossi, Peter H. (1983). Evaluating with sense: The theory-driven approach. *Evaluation Review*, 7(3), 283-302. <http://doi.org/10.1177/0193841X8300700301>
- Cronbach, Lee. (1982). *Designing evaluations of educational and social programs*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Cronbach, Lee, & Snow, Richard. (1977). *Aptitudes and instructional methods: A handbook for research on interactions*. New York: Irvington.
- Dewey, John. (1938). *Logic of Inquiry*. New York: Henry Holt.
- Fischer, Frank. (1995). *Evaluating Public Policy*. Belmont: Wadsworth.
- Fischer, Frank. (2016). Para além do empirismo: Policy inquiry na perspectiva pós-positivista. *NAU Social*, 7(12), 163-180. <http://doi.org/10.9771/ns.v7i12.31350>
- Guba, Egon, & Lincoln, Yvonna. (1989). *Fourth generation evaluation*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Gussi, Alcides Fernando, & Oliveira, Breyner Ricardo de. (2016). Políticas Públicas e outra perspectiva de avaliação: Uma abordagem antropológica. *Revista Desenvolvimento em Debate*, 4(1), 83-101. <http://doi.org/10.51861/ded.dmdis.1.007>
- House, Ernest. (1991a). Evaluation and social justice: Where are we? In Milbrey Wallin McLaughlin & Denis Charles Phillips (Eds.), *Evaluation and education: At quarter century* (90th yearbook of the National Society for the Study of Education, Part II, pp. 233-247). Chicago: University of Chicago Press.
- House, Ernest. (1993). *Professional evaluation: Social impact and political consequences*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- House, Ernest. (2015). *Evaluating: Values, biases, and practical wisdom*. Charlotte: Information Age Press.
- International Public Policy Association – IPPA. (2025). *ICPP7 - Chiang Mai 2025*. Recuperado em 27 de julho de 2025, de <https://www.ippapublicpolicy.org/conference/icpp7-chiang-mai-2025/21>
- Oliveira, Breyner Ricardo de, Alves, Maria Michelle Fernandes, & Fichter Filho, Gustavo Adolf. (2022). Contextos e trajetórias para a análise de Políticas Públicas: Aportes teóricos para o campo da educação. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 17(3), 2095-2117. <http://doi.org/10.21723/riaee.v17iesp.3.16722>
- Scriven, Michael. (1967). The methodology of evaluation. In Robert Stake (Ed.), *Curriculum evaluation* (American Educational Research Association Monograph Series on Evaluation, Vol. 1). Rosemont: Rand McNally.
- Stake, Robert. (2004). Stake and responsive evaluation. In Marvin Alkin (Ed.), *Evaluation roots: tracing theorists' views and influences* (pp. 203-217). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Stake, Robert, Migotsky, Christopher, Davis, Rita, Cisneros, Edith, Depaul, Gary, Dunbar, Christopher, Farmer, Raquel, Feltovich, Joan, Johnson, Edna, Williams, Brent, Zurita, Marta, & Chaves, Iduina. (1997). The evolving syntheses of program value. *Evaluation Practice*, 18(2), 89-103. <http://doi.org/10.1177/109821409701800202>
- Weiss, Carol. (1972). *Evaluation research: Methods of assessing program effectiveness*. Hoboken: Prentice Hall.
- Weiss, Carol. (1973). Where politics and evaluation research meet. *Evaluation: The International Journal of Theory, Research and Practice*, 1(3), 37-45.
- Weiss, Carol. (1991). Evaluation research in the political context: Sixteen years and four administrations later. In Milbrey McLaughlin & Denis Charles Phillips (Eds.), *Evaluation and education: At quarter century* (90th yearbook of the National Society for the Study of Education, Part II, pp. 211-231). Chicago: University of Chicago Press.